



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

## **A HISTÓRIA NO DIVÃ: Reflexões sobre a Memória da Educação Popular no Brasil (1960 / 1980).**

Leandro Machado dos Santos<sup>1</sup>

### **Resumen:**

Pretendemos com este breve texto refletir sobre o conceito de memória, estabelecendo um dialogo entre Walter Benjamin e Sigmund Freud, à luz das experiências de Educação Popular no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, no sentido de ressignificar a validade histórica do conceito de memória diante do contexto de guerra cosmopolita em que a humanidade mergulhara nos últimos anos, pois neste momento de perplexidade generalizada, onde a perspectiva de futuro se restringe à garantia da sobrevivência diária - diante da fome, das epidemias, dos desastres naturais, da guerra convencional ou dos inúmeros contextos de guerra civil espalhados pelo planeta, do estado de exceção universalizado - e a imagem do passado parece desaparecer paulatinamente da nossa memória, surge a necessidade de refletirmos sobre nossas experiências históricas - nossas lutas, nossas vitórias e, sobretudo nossas derrotas, nossos traumas, ou seja, tudo aquilo que fez com que a história para os oprimidos neste início de século tivesse um desfecho trágico - , no sentido de ressignificar o passado, utilizando todo o seu material explosivo como agente catalisador das nossas experiências no tempo presente, ampliando com isso o nosso horizonte histórico diante das possibilidades de um futuro diferente.

---

<sup>1</sup> UFRRJ/ Brasil. Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; Pesquisador Assistente do Grupo de Pesquisa: Filosofia e Educação: desafios contemporâneos.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

## **A HISTÓRIA NO DIVÃ: Reflexões sobre a Memória da Educação Popular no Brasil (1960 / 1980).**

Desde que superamos o erro de supor que o esquecimento com que nos achamos familiarizados significa a destruição do resíduo mnêmico [relativo à memória] – isto é, a sua aniquilação –, ficamos inclinados a assumir o ponto de vista oposto, ou seja, o de que, na vida mental, nada do que uma vez se formou pode perecer – o de que tudo é, de alguma maneira preservado e que, em circunstâncias apropriadas (quando, por exemplo, a regressão volta suficiente atrás), pode ser trazido de novo à luz (FREUD, 1974; p. 04)

Neste momento de perplexidade generalizada em que a perspectiva de futuro se restringe à garantia da sobrevivência diária - diante da fome, das epidemias, dos desastres naturais, da guerra convencional ou dos inúmeros contextos de guerra civil espalhados pelo planeta – na selva de pedra das cidades e que a imagem do passado parece desaparecer paulatinamente da nossa memória, surge a necessidade de refletirmos sobre nossas experiências históricas, sobretudo as que vivemos até aqui, com o sentido de ressignificar o passado, utilizando todo o seu material explosivo como agente catalisador das nossas experiências no tempo presente (BENJAMIN, 1994), ampliando com isso o nosso horizonte histórico diante das possibilidades de um futuro diferente.

Tais experiências históricas, no entanto, não devem ser, de forma alguma, tomadas em seu significado genérico. Neste texto, a imagem que pretendemos reconstruir se restringe à experiência vivida pelos movimentos sociais brasileiros na construção coletiva de sua própria “leitura de mundo” (FREIRE, 1988), de seu próprio conhecimento sobre o mundo. Ou seja, o que pretendemos com este breve ensaio é pensar a Educação Popular enquanto experiência histórica dos movimentos sociais no Brasil, ao longo das décadas de 1960 e 1980, enfatizando sobretudo o seu potencial político. Consideramos ainda que, na atualidade, este potencial, bem como o próprio conceito de Educação Popular, seu método e, principalmente, suas perspectivas de mudança parecem se esvaziar nas salas de aula superlotadas das ONGs espalhadas pelo país.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

Nossa tarefa, nada simples por sinal, consiste, como diria Freud (1974), em voltar no tempo, em sentar no divã a história desta experiência, em regredir suficientemente atrás até que seja possível perceber e recuperar, ao menos teoricamente, parte daquilo que fora deixado, melhor dizendo, “esquecido” pelo caminho. Isto é, tudo aquilo que a sucessão de experiências traumáticas que vivemos desde a contra-revolução de 1964 (Golpe civil-militar) nos fez esquecer. É bom enfatizar que se trata apenas de “esquecimento”, pois em algum lugar da nossa psique coletiva está armazenada a memória desta tradição crítica da Educação Popular, pois como afirma Freud (1974), na nossa vida mental, nada que um dia se formou pode perecer tendo em vista que *“no domínio da mente, por sua vez, o elemento primitivo se mostra tão comumente preservado”* (FREUD, 1974; p.4):

Escolheremos como exemplo a história da Cidade Eterna. Os historiadores nos dizem que a Roma mais antiga foi a *Roma Quadrata*, uma povoação sediada sobre o Palatino. Seguiu-se a fase *Septimontium*, uma federação das povoações das diferentes colinas; depois, veio a cidade limitada pelo Muro Sêrvio e, mais tarde ainda, após todas as transformações ocorridas durante os períodos da república e dos césares, a cidade que o imperador Aureliano cercou com as suas muralhas. Não acompanharemos mais as modificações por que a cidade passou; perguntar-nos-emos, porém, o quanto um visitante, que imaginaremos munido do mais completo conhecimento histórico e topográfico, ainda pode encontrar, na Roma de hoje, de tudo que restou dessas primeiras etapas. À exceção de umas poucas brechas, verá o Muro de Aureliano quase intacto. Em certas partes, poderá encontrar seções do Muro do Sêrvio que foram escavadas e trazidas à luz. Se souber bastante – mais do que a arqueologia atual conhece -, talvez possa traçar na planta da cidade todo o perímetro desse muro e o contorno da *Roma Quadrata*. Dos prédios que outrora ocuparam essa antiga área, nada encontrará, ou, quando muito, restos escassos, já que não existem mais. No máximo, as melhores informações sobre a Roma da era republicana capacitariam-no apenas a indicar os locais em que os templos e edifícios públicos daquele período se erguiam. Seu sitio acha-se hoje tomado por ruínas, não pelas ruínas deles próprios, mas pelas restaurações posteriores, efetuadas após incêndios ou outros tipos de destruição. Também faz-se necessário que todos esses remanescentes da Roma antiga estejam mesclados com a confusão de uma grande metrópole, que se desenvolveu muito nos últimos séculos, a partir da Renascença. Sem dúvida, já não há nada mais que seja antigo, enterrado no solo da cidade ou sob os edifícios modernos. Este é o modo como se preserva o passado em sítios históricos como Roma (FREUD, 1974;p 04).



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

O mais interessante é que o pai da psicanálise não vai se contentar em construir conjecturas somente com a vida mental dos indivíduos, mas também com a história das sociedades, com o intuito de nos mostrar que, diferentemente da estrutura psíquica, a história guarda suas seqüências relacionando diretamente tempo e espaço, sendo necessário que se sobreponha sempre uma fase à outra, de forma que elas nunca existam no mesmo tempo e espaço simultaneamente. Freud (1974) nos fala ainda que, com a estrutura mental, a preservação da memória não necessita de uma sobreposição de imagens ou fases: dependendo do ângulo e da posição do observador, todas as imagens e fases vão estar sempre disponíveis à observação. A leitura que Freud (1974) faz da história certamente está contaminada com aquilo que Benjamin (1994) chamou incansavelmente de história tradicional, considerando que esta concepção apresenta a história em uma linearidade (unidimensional, a “linha” do tempo) mórbida, como se os sujeitos caminhassem sempre em direção ao paraíso/progresso.

Entretanto, o que nos interessa, neste momento, é compreender que existe uma confluência interessante entre os pensamentos de Benjamin e Freud, sobretudo quando Freud (1974) afirma que, na estrutura mental, toda memória é preservada e, dependendo da posição que o sujeito observador assume no tempo e no espaço, ele poderá fazer uso de cada estrutura, de cada fragmento de memória em seu estado perfeito, mesmo que ela faça parte de um passado longínquo, podendo recuperá-la em qualquer tempo (ressignificando-a, é claro, à luz do presente). Nestes termos, por um processo de rememoração, como nos fala Benjamin (1994), esse(s) passado(s) estará(ao) sempre a nossa disposição para ser(em) reinterpretado(s), recontado(s). A sacada desta dupla ilustre de pensadores judeus é que o passado pode ser resolvido, reapropriado, isto é, que a qualquer momento podemos caminhar em direção aos nossos medos, aos nossos traumas da infância e da juventude, às nossas derrotas, aos nossos erros táticos, aos nossos desvios estratégicos e resolvê-los, para que possamos recomeçar a história de onde paramos, melhor dizendo, de onde as nossas experiências traumáticas nos fizeram parar.

Sabendo, com isso, que todo fio histórico perdido pode ser retomado desde que possamos retornar suficientemente atrás, com ângulos e posições diferentes, sabendo que, até aqui, a nossa regra esteve marcada pela barbárie, pela opressão, pela violência



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

dos vencedores que contaram e contam a “história oficial”. O que essa versão oficial da história não conta é que, ao longo dessa trajetória, os projetos revolucionários foram impedidos “*por contratendências e por movimientos opostos*” (MARCUSE, 1969; p. 16), estatais ou extra-estatais, lançando mão de mecanismos espirituais de violência (relações econômicas: coerção em estado latente) ou de violência extra-econômica (fisicamente repressivas)<sup>2</sup>.

No Brasil, isso nunca foi novidade, pois até mesmo em nossos momentos de perenidade, a exceção sempre foi a forma reinante de manutenção da governabilidade e, de milagre em milagre, o preço da penitência para os oprimidos, para as classes populares 'nacionais', foi bastante elevado. Golpes de Estado, ditaduras militares ou empresarial-militares, suspensão dos direitos civis e políticos, supressão dos salários, dentre outras, sempre fizeram parte da nossa vida cotidiana, pois aqui o arcaico e o moderno fizeram uma dobradinha perfeita, alimentando um ao outro (OLIVEIRA, 2008). Combinar Estado de exceção e crescimento econômico, trabalho escravo e precarização do trabalho com avanços técnicos e tecnológicos, é nossa especialidade, sendo a forma pela qual o capitalismo se desenvolverá no Brasil. Tanto é que, na atualidade, chegamos a exportá-la alimentando uma *brazilianização* do mundo (ARANTES, 2004). Esse cortejo triunfante dos vencedores, marcado pela universalização da exceção entre os vencidos, continua a percorrer seu caminho, encontrando pela frente várias forças de resistência, trucidadas por uma intensa “repressão agressiva legal e extralegal por parte da estrutura de poder – uma concentração de força brutal contra a qual a Esquerda não possui defesa” (MARCUSE, 1981, p.43) – e que vão ser narradas pelos historiadores da história oficial como “focos dispersos” e sem continuidade de resistência.

---

<sup>2</sup> É importante considerar que para Marcuse (1969) tanto a primeira quanto a segunda forma de violência estão condicionadas ao desenvolvimento do sistema mercantil, pois em momentos onde a taxa de acumulação permanece estável a violência se manifesta em estado latente, pouco visível, pois são ofuscadas pelas relações econômicas e alienadas do próprio processo produtivo; em contrapartida, caso a taxa de acumulação tenha um movimento regressivo, ou seja, o sistema social esteja em um processo de crise e a violência espiritual seja insuficiente para conter a insatisfação da massa, a violência extra-econômica seria utilizada de modo mais intenso. Cabe destacar ainda que no desenvolvimento histórico do capitalismo os dois tipos de violência serão utilizados simultaneamente, dependendo de sua vida orgânica.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

Rememorar o passado, como diria Benjamin (1994), voltar suficientemente atrás na trajetória da Educação Popular, nos parece algo extremamente complexo, sobretudo por compreender que, ao longo da história, os oprimidos tiveram inúmeras experiências de auto-reflexão e auto-produção de conhecimento, aliando crítica e vida social. Nestes termos, considerando que a Educação Popular, na perspectiva crítica que trabalharemos neste texto, corresponde à construção prático-teórico-prática, em outras palavras corresponde à práxis política das classes populares *nos* processos e *para* os processos de luta social, conectando produção coletiva de conhecimento com a vida diária dos trabalhadores do campo ou da cidade, articulando produção da existência material, cultura, estrutura psíquica e política. Seria leviano rememorar, sem ao menos citar, as lutas sociais que subsidiaram continuamente esta construção, são elas: a Comuna de Paris (1871), a criação dos Soviets (1905), os Conselhos de operários e soldados na Alemanha (1919), a República dos Conselhos na Hungria (1919), os Conselhos Operários de Turim (1919-1920), a autogestão na Espanha (1936-1939) ao longo de 33 meses de guerra civil no país, autogestão na Argélia (1962), a República Libertária no México (1911), a Revolução Cubana (1959), a Revolução Sandinista na Nicarágua (1979), dentre tantas outras (CEDAC, 1986). Acrescentaria ainda as experiências de autogestão das escolas modernas/anarquistas<sup>3</sup> em São Paulo, no início do século XX.

Para a compreensão ou rememoração da Educação Popular como experiência histórica das classes populares no Brasil, tomaremos como ponto de partida a década de 1960. Essa decisão obedece única e exclusiva a uma exigência metodológica, pois, neste instante, seria impossível realizarmos, garantindo a qualidade e a profundidade da análise, algo mais extenso, o que não nos impede de retomarmos tal reflexão em um momento posterior.

## I

As décadas de 1950 e 1960 são, sem dúvida, um marco na história nacional, pois foi naquele momento que as lutas sociais e as mobilizações populares começaram a se

---

<sup>3</sup> Sobre a história da escola moderna, consultar o acervo João Penteado vinculado ao Centro de Memória da Educação da Universidade de São Paulo.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

identificar e a convergir com os interesses de um projeto de desenvolvimento econômico popular e nacional, pensado desde os anos de 1930 (FIORI, 2003; MOTA, 2002), que gerenciou a produção de idéias e alianças inimagináveis entre campos completamente opostos. No início da década de 1960, o campo nacional-popular, compostos por comunistas, sindicalistas e burgueses nacionalistas, representados pelo PCB (Partido Comunista Brasileiro) e pelo PTB (Partido Trabalhista do Brasil), chegaram a propor uma série de mudanças no projeto desenvolvimentista conservador, incluindo, ao lado da industrialização do país e da aceleração do crescimento econômico, um amplo leque de reformas que visavam distribuir terra, renda e riqueza, todas elas vetadas pelos conservadores e impedidas pelo golpe empresarial-militar (SCHWARZ, 2005).

Muito mais antiimperialista que anticapitalista, o PC distinguia no interior das classes dominantes um setor agrário, retrogrado e pró-americano, e um setor industrial, nacional e progressista, ao qual se aliava contra o primeiro. Ora, esta oposição existia, mas sem a profundidade que lhe atribuíam, e nunca pesaria mais do que a oposição entre as classes proprietárias, em bloco, e o perigo do comunismo. (SCHWARZ, 2005; p. 12)

De acordo com Roberto Schwarz (2005), o golpe civil-militar de 1964 tinha duas funções bastante definidas: esperava simultaneamente garantir a circulação e maximização do capital no país e ampliar a resistência do continente contra o comunismo. Entretanto, o forte anti-imperialismo restrito do PCB via, em pactos e alianças com os industriais nacionais, a possibilidade de democratização da realidade nacional. O sentimento nacional atravessava de ponta a ponta as estratégias políticas do PC, que mesclava radicalidade na crítica ao arcaísmo representado pelo latifúndio, a política externa imperialista dos Estados Unidos da América e a passividade diante do projeto nacional-popular para o país, idealizado pela burguesia populista. O PCB construiria todo seu programa pautado pela idéia de dualidade entre o nacional e internacional (entenda-se internacional como imperialista), arcaico e moderno, desconhecendo que, na realidade dos países periféricos, o processo de dominação mesclou, com grande sucesso, os interesses e a atuação das frações nacionais e internacionais de uma mesma classe social (OLIVEIRA, 2008).



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

A ideia de futuro como progresso, essa leitura ingênua e anti-dialética da história que, no início do século XX, preocupava filósofos como Walter Benjamin (1994), era lançada aos quatro ventos pela esquerda nacional como elemento político de unidade, quando não passava de um pacto social de classe. Tratava-se, portanto, de uma deformação populista do marxismo, difundida pelo Partido Comunista Brasileiro, que tomado por uma visão etapista da revolução (sob o clima da III Internacional) e por uma crença cega nos setores industriais-nacionais da burguesia (que pretendiam a ampliação do mercado interno a partir da reforma agrária e uma atuação autônoma no plano da política externa) serviu de instrumento de difusão ideológica da modernização e da democratização entre os trabalhadores, preso a uma concepção de história como progresso inevitável (BENJAMIN, 1994). No entanto, o recuo político do governo populista e esquerdizante de Jango diante da ameaça de golpe seria um verdadeiro tiro no pé dos comunistas do PC, que acreditavam na possibilidade de uma revolução subsidiada pelo Estado e apoiada pelos industriais nacionais. As consequências dessa avaliação foram catastróficas, pois o desmonte da ideia passional e apologética de “povo”, que “*abraçava indistintamente as massas trabalhadoras, o lumpesinato, a intelligentsia, os magnatas nacionais e o Exército*” (SCHWARZ, 2005; p. 14), deu-se de modo extremamente violento, através da intervenção nos sindicatos, do terror no campo, da supressão dos salários, da prisão de professores e estudantes universitários, da dissolução das organizações estudantis, bem como da censura, isto é, da institucionalização do Estado de exceção no país.

O fato do populismo não se estender homoganeamente sobre toda a sociedade garantia que, durante seu desenvolvimento histórico, algumas contradições importantes viessem à luz. Ou seja, ao mesmo tempo em que o Presidente João Goulart estimulava, em suas campanhas, o estudo do marxismo no interior da universidade com o objetivo de formular e fundamentar teoricamente a crítica ao imperialismo, inúmeros professores se mobilizavam em um estudo mais criterioso dos textos de Marx e Lênin, criticando radicalmente a ideia de reforma e o ambiente místico que a envolvia (SCHWARZ, 2005). Os efeitos deste processo sobre a cultura seriam interessantes, considerando que os anos que precederam ao golpe foram marcados por uma certa hegemonia cultural da



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

esquerda letrada<sup>4</sup> que perduraram nos primeiros anos do novo regime, especificamente até 1969.

No que diz respeito à cultura e à Educação Popular, as disparidades do populismo são ainda mais visíveis, pois aqueles mesmos estudantes, educados no interior das universidades por professores que priorizavam uma reflexão analítica e criteriosa das obras de Marx e Engels, que enfatizavam o seu papel crítico diante das propostas reformistas apresentadas pelo Estado, vão participar da educação de jovens e adultos no interior do país. Utilizando-se do método de Paulo Freire, lançando mão de palavras geradoras, conectavam a prática diária dos sujeitos à necessidade de domínio da cultura letrada para o processo de emancipação, tornando a leitura da palavra uma forma de estender a leitura do mundo (FREIRE, 1988). Nestes termos, o que estava em jogo não era um simples processo burguês de transmissão do conhecimento, mas a conquista política da leitura e da escrita através da tomada de “consciência” do sujeito sobre ele mesmo contextualizado em sua ambiência cultural-psico-sócio-histórica (FREIRE, 2007).

Nem o professor, nesta situação, é um profissional burguês que ensina simplesmente o que aprendeu, nem a leitura é um procedimento que qualifique simplesmente para uma nova profissão, nem as palavras e muito menos os alunos são simplesmente o que são. Cada um desses elementos é transformado no interior do método – em que de fato pulsa um momento de revolução contemporânea: a noção de que a miséria e seu cimento, o analfabetismo, não são acidentes ou resíduos, mas parte integrada no movimento rotineiro da dominação do capital (SCHWARZ, 2005; p. 20).

Isso foi capitaneado pela plataforma populista e eleitoreira de Miguel Arraes, na ocasião prefeito de Recife e fundador do Movimento de Cultura Popular. A idéia inicial era alfabetizar e organizar a massa para o processo eleitoral e mobilizar os populares em torno de interesses reais, reduzindo a indigência e a marginalidade nas ruas, criando núcleos de valorização da cultura popular através do teatro, do cinema, das artes plásticas, etc. Na década de 1960, ocorreram diversos movimentos de cultura e de educação popular que, como o MCP, eram incentivados e financiados pelo poder público em conjunto com projetos políticos reformistas, progressistas, comunistas e

---

<sup>4</sup> Estudantes, artistas, uma fração dos economistas e sociólogos, jornalistas, uma parcela racional do clero, arquitetos, etc. Ver Schwartz (2005; p. 08).



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

cristãos, mas uma vez, seguindo uma longa tradição nacional, do Estado funda e tutela a cidadania de cima para baixo. Podemos aqui nos referir aos seguintes movimentos: o Movimento de Educação de Base (MEB), criado em 1961 por setores progressistas da Igreja Católica, muitos oriundos da Juventude Universitária Católica (JUC), voltado para a educação de jovens e adultos mediante a instalação de uma ampla rede de escolas radiofônicas; a Campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler” criada em 1961 pelo prefeito de Natal Djalma Maranhão (Natal-RN), que espalhou comitês de caráter nacionalista a fim de erradicar o analfabetismo; a criação dos Centros Populares de Cultura (CPCs) pela União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1962, com o objetivo da conscientização popular através da alfabetização de adultos e das oficinas de manifestações culturais.

As manifestações em torno da cultura, ou melhor, da sua utilização enquanto instrumento político-pedagógico, não se restringiam às comunidades rurais do interior do país. As portas de fabricas, as favelas, os sindicatos também eram tomados por apresentações teatrais que problematizavam a situação política do Brasil. O movimento estudantil vivia o seu momento mais ilustre, na compreensão de Roberto Schwartz (2005), como vanguarda política do país. O Teatro de Arena combinou, por exemplo, em seus espetáculos teatrais, arte e educação, política e cultura, de uma forma ao mesmo tempo agradável e didática. De acordo com a interpretação de Roberto Schwarz (2005), o didatismo exagerado retirava dos telespectadores a possibilidade de construção de sua própria interpretação a respeito da obra, impossibilitando em alguns momentos, que cada um tivesse sua experiência subjetiva particular. Essa distensão “contraditória” da forma, do espaço ritual do teatro, torna obra e público compatíveis, isto é, *“poderia diverti-lo e educá-lo, em lugar de desmenti-lo todo o tempo”* (SCHWARZ, 2005; p. 41).

Este conjunto de movimentos de cultura e de educação popular foi fruto de um processo histórico particular em que a perspectiva de construção de uma nação democrática se impunha sobre o tradicional arcaísmo de nossa política pautada pelo clientelismo, pelo patrimonialismo, pelo coronelismo, por um poder autoritário que sempre impediu o surgimento de um espaço público de direito onde as classes populares organizassem suas demandas sociais, políticas e civis. A ideologia do desenvolvimento



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

nacional partia de uma dialética existente entre o arcaico e o moderno, dialética posta na superação do latifúndio, do domínio do imperialismo, do analfabetismo, da submissão política, que materializaria uma realidade pautada na industrialização, na urbanização, na participação política, na democratização da cultura e da educação. Formava-se, na época do Governo de João Goulart, um complexo ideológico que integrava trabalhismo e comunismo, bem como o progressismo cristão em torno de um nacionalismo modernizante com força social e política para formar jovens e adultos construtores de uma nação democrática, ou seja, de uma nação em que o regime de classes se completaria de fato; uma nação desenvolvida econômica e politicamente, composta por verdadeiros cidadãos (LOBO e SANTOS, 2009). Uma revolução burguesa retardatária, porém passível de realização.

A existência de uma efervescência cultural e estética se converte em método pedagógico, aguçando os sentidos de um homem que não é somente matéria dura e fria, mas que precisa aprender e sentir a realidade, dotado de subjetividade, receptivo e *“necessitando de uma comunicação afetiva da denuncia da realidade e dos objetivos da libertação”* (MARCUSE, 1981, p. 81). O teatro de rua, nas portas das fábricas, o cinema novo, a música, as artes plásticas etc., abrem *“a realidade estabelecida a uma outra dimensão: a da possível libertação”* (MARCUSE, 1981, p.89), no sentido que permite, aos sujeitos em luta (camponeses, sindicalistas, estudantes, professores etc.), projetar e visualizar um universo de possibilidades para além da realidade existente (utopia). Nesse sentido, ao romper o fio da história, a contra-revolução burguesa de 1964 consumou a nossa derrota, sublimou a nossa projeção alternativa e interiorizada da realidade, impossibilitando a sua concretização.

Como diria Freud (1974), a “energia canalizada” pelo golpe civil-militar sobre os sujeitos, individuais e coletivos, promoveu uma imensa fissura e se encarregou de garantir um novo desfecho, trágico por sinal, ao desenvolvimento da história, pois o fio rompido só seria parcialmente recuperado 20 anos depois, em um Brasil onde a revolução burguesa não se apresentava mais como uma possibilidade.



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

Os anos 80 se constituíram, então, num fecundo contexto em que novos atores sociais (...) invadiram a cena política nacional, vocalizando novas demandas, vivenciando novos valores em termos de cultura cívica (...), imprimindo uma nova energia e recriando formas de organização e luta política. Naquele contexto, vimos ressurgir, ressignificar, diversos tipos de movimentos e organizações sociais: movimentos de associações de moradores; de moradores de favelas; o novo sindicalismo que surgia do racha da CONCLAT, com a fundação da CUT; os movimentos negros, de mulheres, de direitos humanos; de estudantes, movimentos culturais diversos, etc. (CAMPOS In: RIZO e RAMOS, 2008; p. 150).

Depois de quase 20 anos de experiências traumáticas, “*de fortíssima repressão, de mão-de-ferro sobre os sindicatos, coerção estatal no mais alto grau, aumentando a presença de empresas estatais (...) abertura ao capital estrangeiro*” (OLIVEIRA, 2008; p. 132), os sujeitos políticos começam a ressurgir no Brasil no fim da década de 1970, especificamente a partir dos anos de 1978 e 1979, a partir do processo de anistia aos presos e exilados políticos (CAMPOS In: RIZO e RAMOS, 2008). Novas reivindicações surgem em torno de velhas demandas. Na esteira dos novos movimentos sociais, como o ecológico, o indígena, o movimento negro, o movimento de mulheres, os movimentos de bairro e de favelas, antigas reivindicações como a construção de creches, a pavimentação e iluminação de ruas ganham expressão e apoio popular (GOHN, 1997; PALUDO, 2001). A dialética, isto é, o movimento da história já havia mostrado que, no Brasil, o arcaico e o moderno se completam, que modernidade e Estado de exceção rimam perfeitamente (OLIVEIRA, 2008), conforme já apontamos em outro momento deste texto.

Com o processo de abertura política nos últimos anos da ditadura civil-militar no Brasil, os movimentos sociais de massa são elevados ao posto de protagonistas da nação (GOHN, 1997). Inúmeras experiências de auto-gestão da vida social vão surgir neste período, no Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense, pois a produção comunitária se apresentava como uma saída viável ao “*desemprego, subemprego, baixos salários e, até, discriminação*” (SILVEIRA, 1989, p. 07). A preocupação política destes grupos de organização da vida comunitária consistia em não reproduzir em seus espaços a lógica do sistema capitalista pautado pela exploração do trabalho e pela relação salarial. As



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

primeiras experiências surgem no município de Itaguaí<sup>5</sup>, em 1985, depois de um longo período de acumulação teórica e política, com a realização de encontros, reuniões, congressos e assembléias. O que marca esta forma de organização é o fato da grande maioria dos grupos de produção comunitária serem organizados por mulheres oriundas dos Clubes de Mães que *“não suportavam mais continuar sendo exploradas em subempregos longe de suas casas tendo que deixar seus filhos entregues a própria sorte durante todo o dia”* (AAGP<sup>6</sup> apud SILVEIRA, 1989; p. 04), enquanto trabalhavam em duras e longas jornadas diárias.

No que diz respeito aos novos movimentos sociais, embora seus documentos oficiais afirmem incisivamente a orientação política “apartidária” e autonomia total em relação a outras organizações políticas, na prática, a sua história comum é marcada pela ambigüidade, tendo em vista a intensa atuação, mesmo que de modo velado, dos partidos políticos e da Igreja Católica em seu interior (SILVA, 2008; LOPES In CEPIS, 1996).

Influenciados por um lado pela Igreja Católica, sobretudo pelos setores diretamente ligados à Teologia da Libertação e, por outro, pelas organizações políticas tradicionais, esses novos movimentos sociais surgem com força no Brasil na década de 1980 (GOHN, 1997; SADER, 1988; PALUDO, 2001). No entanto, o processo de fortalecimento destas organizações se inicia ao longo dos anos de 1970 e vai subsidiar o movimento de massas: primeiro, em torno das reivindicações por eleições diretas, o movimento Diretas Já e, posteriormente, pela Constituinte.

---

<sup>5</sup> As experiências de autogestão da vida social não se resumem ao município de Itaguaí, naquele período, pois, pipocava em todo Estado do Rio de Janeiro inúmeras experiências de vida comunitária. Em Nova Iguaçu, por exemplo, os acampados da ocupação de Campo Alegre pensaram e organizaram inclusive uma proposta popular de educação, melhor dizendo, uma proposta popular de escola, que respondesse simultaneamente às suas necessidades políticas e intelectuais de formação, que formasse quadros para a luta social e ao mesmo tempo trabalhadores capazes de prover a sua própria existência individual e comunitária.

<sup>6</sup> Associação dos Grupos de Produção Comunitária, criada em dezembro de 1988, o objetivo da criação estava centrado na permanência das 138 mulheres em seus grupos, bem como contribuir com a organização popular. Para tanto, realizavam um contínuo processo de formação. Pois, *“para assegurar as características autogestionárias das diversas experiências, é preciso investir na formação de seus agentes. Essa preocupação está sempre presente e é realizada através de encontros, debates e assembléias, onde se fala de economia, cultura, sobre o funcionamento da sociedade, os sistemas políticos e partidários”* (SILVEIRA, 1989; p. 28).



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

Há uma ampliação das classes sociais populares para além do proletariado e do campesinato, às quais se conferia o poder de transformação social. Aos poucos o “mosaico heterogêneo” do popular foi sendo descoberto. Nele convivem, lado a lado, o subempregado, o biscateiro, o empregado regular, o bóia-fria, o posseiro, o acampado, o meeiro, a domestica. Mas também convivem a criança abandonada, o menino e a menina de rua, o idoso desamparado, o doente sem recursos, o adulto não-alfabetizado. Os movimentos sociais populares, entretanto, não podem ser vistos só pela ótica da produção industrial, do trabalho e das carências. Seus contornos também lhe são conferidos pela esfera da religiosidade e da cultura. (PALUDO, 2001; p. 43).

Os movimentos sociais de massa, ainda que pautados pela luta imediata, reivindicatória - Custo de Vida (movimento nacional contra os altos preços dos alimentos– 1974-1980), Movimento pelos Transportes Públicos (1976-1982), Movimento pela Saúde (1976-1982), Movimento de luta por creches (1974-1982), Movimento de professores das escolas públicas (1978-1982), Movimento das associações de moradores (fundação da Confederação Nacional de Associações de Moradores em 1982), Comunidades Eclesiais de Base (1972-1980), Movimento pela moradia (1980-1984), Movimento dos desempregados (1983-1984), Comissão Pastoral da Terra (criada em 1974), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (1984), etc. (GOHN, 1997; PALUDO, 2001) -, buscavam enfrentar a exigência de se avançar na formação política e letrada, acompanhados de perto ora pela Igreja, ora pelos setores mais tradicionais da esquerda.

Enquanto esquerda tradicional, representada pela ala progressista do MDB (Movimento Democrático Brasileiro), pelo MR-8, PCB e PCdoB, tinha como foco a concepção de vanguarda: a formação política das massas se dava pela simples adesão às suas concepções políticas, teóricas e ideológicas, desconsiderando o potencial do movimento enquanto sujeito político coletivo. A esquerda católica entendia os movimentos sociais de massa como sujeitos coletivos auto-conscientes, não cabendo, portanto, uma direção determinada pelos “iluminados” do mundo da política. Nestes termos, os setores ligados à Teologia da Libertação pregavam a autonomia dos movimentos de massa e, sobretudo, a autonomia de ideias (SILVA, 2008; LOPES In: CEPIS, 1996).



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

Essas concepções vão nortear a formação dos movimentos de massa ao longo da década de 1980. O caráter difuso da formação neste período reflete a ambigüidade que atravessava a constituição e vida orgânica destes movimentos e, sobretudo, as concepções difusas que a Igreja Católica ou a Esquerda tradicional tinham de Educação Popular, além da ideia que cada um destes setores tinha dos movimentos de massa.

A relação movimento de massa-partido político pode ser melhor observada e compreendida ao analisarmos a relação movimento de massa e Estado no mesmo período. Considerando a dura repressão desencadeada pelo Estado autoritário sobre as organizações sociais em luta (partidos de esquerda, movimento estudantil, movimento sindical, etc.), os movimentos de massa, a exemplo o Movimento de Amigos de Bairro em Nova Iguaçu (MAB)<sup>7</sup>, converteram-se em espaços de resistência e de reivindicação, onde as organizações postas na clandestinidade poderiam atuar e aglutinar forças em torno de seus objetivos comuns.

No momento pré-Nova República (1978-1984), as divergências políticas e ideológicas eram superadas em função da construção de um bloco unificado contra o Estado. Contraditoriamente, com a dita redemocratização, com a ampliação da liberdade de organização e de expressão, há um refluxo dos movimentos sociais de massa devido às lutas internas dos partidos e suas tendências, bem como da inserção de suas lideranças nos governos municipais e estaduais, abrindo um período de profunda crise. Deste modo, o ciclo de resistência e de reivindicação do movimento se fecha, abrindo-se um novo ciclo baseado na cooperação e na parceria com as estruturas governamentais em todas as suas esferas (SILVA, 2008) – com todas as contradições que isso traz (alianças, cooptações, imobilismo).

### III

---

<sup>7</sup> Já no processo de fundação (1978) do Movimento de Amigos de Bairro de Nova Iguaçu é possível perceber a influência das agremiações partidárias na sua vida orgânica como observa o senhor Bráulio R da Silva, um importante militante e fundador deste movimento: “Neste momento, já tinha 25 associações de bairro em Nova Iguaçu. Formamos uma comissão para elaborar um regimento interno do congresso e estatutos. Eu tinha uma chapa. A D. Teresinha se juntou com o pessoal do PT para fazer outra chapa. Ela era do MDB (...). O PT estava com uma força muito grande e ela ganhou a eleição para o MAB”. Ver MEDEIROS, 2008.



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

No bojo daquele processo, formou-se o Partido dos Trabalhadores – PT – como organização partidária que, em seus manifestos de formação e em seu primeiro estatuto, se propunha a expressar as vozes então silenciadas dos segmentos populares da sociedade civil. Em sua raiz, o PT se constitui a partir de segmentos do novo sindicalismo, dos setores da Igreja Católica progressista e de diversas organizações de esquerda. Lá, estavam inscritas também algumas bandeiras históricas os movimentos sociais brasileiros, transformadas em diretrizes da construção de um novo tipo de sociedade que favorecesse a emancipação dos trabalhadores e de todos os oprimidos e explorados. No caminho da transformação almejada, a ideia da democracia pela base era pilar fundamental do projeto petista, expressa na constituição de uma dinâmica política através de núcleos de base por local de moradia, por categoria, por local de trabalho e outros. O dinamismo dessa *'construção pela base'* foi responsável pela legalização e pela consolidação do Partido em escala nacional (CAMPOS In: RIZO e RAMOS, 2008;p. 150).

De acordo com Carlos Nelson Coutinho (In: PCB, 1986), o Partido dos Trabalhadores surge como uma alternativa política de esquerda às organizações tradicionais orientadas pelas diretrizes políticas, organizativas e funcionais da Terceira Internacional, baseada no chamado centralismo democrático, que anula as dissidências minoritárias. Segundo ele, essa eliminação das contradições em nome de um suposto consenso promovia com certa recorrência, rachas e fundações de novas organizações, o que promoveria a pulverização das forças de esquerda.

Antigos militantes dos anos 1960, democratas radicalizados, novos movimentos cristãos, intelectuais de esquerda, pequenos grupos remanescentes da velha esquerda – trotskistas ou maoístas (...), o PT não surgiu como uma doutrina e uma linha política definidas (...). O partido nascia estreitamente ligado à sociedade civil, às mobilizações de suas organizações, às lutas minoritárias, às reivindicações libertárias(...). Com forte componente das lutas dos trabalhadores pensando decisivamente, o socialismo foi definido como o objetivo do partido. E, como já em suas origens, as diferentes forças que o compuseram tinha enfrentado a luta contra a ditadura, a democracia aparece como outro forte componente do Partido dos Trabalhadores. (SADER, 1995; P.144/145).

A saída para isso seria a constituição de novas formas de organização política (estimuladora de novas culturas e práticas políticas) que pudessem congregar não só as convergências, mas também, e principalmente, as divergências sem anulá-las. Nas palavras do próprio Coutinho (2000; p. 31), o desafio dessa nova esquerda era forjar



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

uma estrutura que garantisse, ao mesmo tempo, “*o predomínio da vontade geral e a conservação do pluralismo*”. Eis o papel central a ser desempenhado pelo PT<sup>8</sup>, que nas suas várias tendências organizavam desde militantes dos movimentos sociais e sindicais até estudantes de classe média da PUC de São Paulo e do Rio de Janeiro. Engajado na construção hegemônica de um verdadeiro “*bloco histórico novo, fundado nas forças do trabalho, compreendendo a classe operária, os trabalhadores rurais, as camadas médias urbanas, as minorias, etc.*” (COUTINHO In: PCB, 1986; p. 12). Determinado em conquistar o aparelho estatal<sup>9</sup>, o PT constrói seu estatuto, suas diretrizes organizativas, seu programa<sup>10</sup>, pautado pela organização popular em núcleos de base.

A ideia de uma democracia de massa<sup>11</sup>, da ampliação gradual e progressiva dos valores democráticos universais é o ponto nevrálgico da construção de seu programa, pois, na concepção de Coutinho (In: PCB, 1986; 2000), essa seria a única forma de se chegar ao socialismo, dado que a construção da democracia socialista passaria necessariamente, não pela negação da democracia liberal, mas por sua superação. Portanto, o autor vê com bons olhos uma possível aliança entre liberais e socialistas desde que estes liberais estivessem engajados na construção de uma democracia de massas, em outras palavras, “*na articulação organizada entre democracia representativa e democracia de base, capaz de favorecer a projeção permanente do*

---

<sup>8</sup> Segundo José Genuíno Neto (In: PCB, 1986; p. 32), “*No plano filosófico o PT não tem uma definição, nem no plano ideológico, porque é um partido de massa, aberto, e nele convivem várias correntes filosóficas, desde materialistas dialéticos até cristãos*”.

<sup>9</sup> Isso fica claro nas resoluções tiradas pelo PT, durante o seu V Encontro (1987): ‘É preciso levar em conta que a sociedade brasileira já foi capaz de desenvolver razoavelmente algumas organizações da sociedade civil, que jogam determinado peso na determinação das políticas do Estado. E que o Estado brasileiro, embora tenha se reforçado muito [...], não tem condições de se fechar completamente à participação das classes subalternas em seu interior. Para conseguir consenso e legitimidade para esse Estado, [a burguesia] é obrigada a abrir pelo menos formalmente o Estado a disputa das diversas classes’. Ver Resoluções do V Encontro do PT apud Coutinho (2000; p.28).

<sup>10</sup> Ao ser perguntado sobre a construção do socialismo no Brasil, Lula (naquele momento presidente nacional do PT), responde: A gente está caminhando, está acreditando em uma coisa chamada organização o movimento popular, social, sindical e partidário e a formação política das pessoas. Esses avanços vão fazer a gente vislumbrar a possibilidade de organizar a sociedade para conquistar o socialismo, essa tal de sociedade “perfeita”. Isso depende muito do nível de consciência política e de organização. Nós temos que organizar as pessoas, ao invés de dizer: tem que ser de tal jeito! Nós temos que organizá-las para que descubram qual é o jeito de fazer as coisas. Nós estamos dando uma contribuição nesse sentido, na medida em que está cuidando de organizar a sociedade, a classe trabalhadora, os estudantes, os camponeses, as donas de casa, seja no movimento popular, seja no sindicato. Ver Silva; Neto; Leal (In: PCB, 1986; p. 22).

<sup>11</sup> Sobre a construção do socialismo José Genuíno Neto nos diz que: O poder político, na fase de construção do socialismo, deve ser de plena democracia para as massas e para a maioria, em todos os sentidos: liberdade de reunião, de manifestação, liberdade partidária e sindical, o exercício direto do poder pelas massas, contra o poder da burguesia. Ver Silva; Neto; Leal (In: PCB, 1986; p. 24)



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

*movimiento popular no Estado, transformando-o*” (INGRAO apud COUTINHO, 2000; p. 34).

(...) a estratégia da esquerda subordinou a luta sócio-econômica às mudanças políticas institucionais assegurando a hegemonia burguesa. A oportunidade para uma ruptura radical foi despertada e canalizada para uma “transição democrática”, que assegurou a continuidade do modelo neoliberal em seus aspectos sócio-econômicos (PETRAS In: BARSOTTI e RERICÁS, 1998; p. 230).

Sendo assim, a burguesia nacional, aproveitando-se do *pacto democrático* (FERNANDES, 1986), isto é, da política de conciliação de classes, estabelecida entre a classe dominante nacional e amplos setores de trabalhadores, inclusive uma parte relevante da esquerda – que não deixa de fora seus intelectuais -, movimentos sociais e sindicais - durante o período de transição entre o regime empresarial-militar e a implantação da democracia liberal, nos anos de 1980 -, iniciou sua política predatória de desmantelamento, com uma roupagem de reestruturação, da máquina estatal, sobretudo, seus serviços básicos de assistência social (saúde, educação, seguridade social, legislação trabalhista, etc.), que iria fortalecer as bases para a consolidação do neoliberalismo nas décadas seguintes.

Esse pacto social incisivamente criticado por autores mais radicais como Florestan Fernandes (1986) fez prevalecer, no processo de abertura política, os princípios liberais, pervertidos ao longo do processo de luta em princípios democráticos<sup>12</sup>, pois “*a Aliança Democrática mantém-se insensível à essência histórica desse drama político. Empenha-se em comprovar que os compromissos políticos assumidos com o regime ditatorial serão levados até o fim*” (FERNANDES, 1986; p. 109), dado que a estrutura de classe permaneceu inalterada. Este deslizamento

<sup>12</sup> É importante considerar que, de acordo com Bobbio (2005), a forma de governo tende a carregar os traços e orientações da concepção de Estado que se quer construir, ou seja, no Brasil, o fato dos ideais democráticos representativos terem prevalecido diante da possibilidade de construção de uma democracia direta, ao menos em parte, corresponde à prevalência dos ideais da concepção liberal de Estado sobre outros projetos possíveis. A necessidade de ampliação das liberdades individuais em relação ao Estado, no nosso caso depois de 20 anos de ditadura, ou seja, do alargamento progressivo das liberdades do indivíduo, da igualdade jurídica e de oportunidades – que em tese equalizam os pontos de partida e garante as discrepâncias dos pontos de chegada, dado que o ponto de chegada é uma responsabilidade individual, e corresponde diretamente as capacidades de cada um - frente as limitações das tarefas do Estado (tido naquele momento como um ente autoritário e ineficaz) representava um ponto de confluência entre as forças sociais que participavam da trama política. Ver Fernandes (1986). Sobre a análise da relação entre liberalismo e democracia, ver Bobbio (2005) e Tocqueville (1987).



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

semântico, essa transmutação do significado de liberalismo em democracia, na concepção de Paulo Arantes (2004), preservou elementos-chave para a continuidade da dominação burguesa no Brasil: concentração da terra e da riqueza produzida, concentração dos meios de comunicação de massa nas mãos de um pequeno número de famílias, forças armadas e policiais altamente treinadas e preparadas para reprimir os movimentos sindical e social, bem como, para conter a massa favelada em territórios segregados, em períodos posteriores da história.

A marca registrada das transformações do período republicano brasileiro (...) é a da transição social e política morosa arrastada, imediatista e preservadora de conteúdo. Trata-se de um constante realinhamento político conservador, apoiado no transformismo institucional e escorado na intervenção corretiva, geralmente administrativa (burocrático-partidária), policialesca ou manipulativa de opinião pública e, muitas vezes, por via militar. Poderíamos dizer que o realinhamento político conservador é da própria essência das elites dominantes brasileiras e tem sido marca registrada de suas práticas e do processo político por elas encaminhado ao longo deste século. (DREIFUSS, 1989; p. 09)

O refluxo dos movimentos sociais de massa ao longo da década de 1990 dá-nos a dimensão do que foi a redemocratização truncada (transição por cima, revolução passiva) e a consolidação do projeto neoliberal no país, já imerso numa crise econômica sem precedentes, marcada pela explosão da dívida externa no final dos anos de 1980. Deste modo, a redemocratização não passou da consolidação da estrutura de classes no Brasil, agora atualizada e ressignificada em novos termos (produto da modernização conservadora), visto que a hegemonia não se dava mais com base no capital industrial e sim no capital financeiro. A não-compreensão desta mudança qualitativa na história da luta de classes revelou a debilidade da formação dos quadros (e da teoria) da esquerda que, sem uma autocrítica da derrota consumada no pré-1964, demarcaram mais uma vez a crença no fortalecimento da disputa no interior do Estado. Ou seja, a criação de canais de participação popular, a auto-gestão coletiva e a eliminação da estrutura de classes, prescindindo da constituição de uma democracia socialista e possibilitando que todos os sujeitos, individuais e coletivos, tenham o mesmo peso social e voz política, é colocado em segundo plano. Na democracia da Nova República, isso se resume a um mero reformismo, a uma espécie de maquiagem que dá aparência nova a projetos e rostos



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

bastante conhecidos, e ao mesmo tempo, esvazia todas as expectativas, tendo em vista que as propostas políticas mais ousadas foram expurgadas do imaginário social pelo bloco hegemônico no poder (FERNANDES, 1989).

### **Considerações finais:**

Como diria o velho Marx (1974), a história só se repete como farsa, algo aparentemente comum na história do país. Mesmo com o desfecho trágico que interrompe as mobilizações populares e desmonta as ideias míticas de povo e de progresso inevitável, lançadas aos quatro ventos nos anos anteriores ao golpe empresarial-militar na década de 1960, as mobilizações da década de 1980 recuperam esses mesmos princípios, e a aliança democrática com setores progressistas da burguesia, especificamente com os liberal-democratas, é apresentada como uma saída viável à construção da democracia no Brasil. No entanto, diferentemente dos anos de 1960, quando, sob a influência teórica e ideológica do PCB, havia quase consenso entre as análises políticas e econômicas do período que viam na aliança com a burguesia industrial nacional a possibilidade real de desenvolvimento e democratização da riqueza, de uma revolução burguesa no país, nos anos 1980 isso mudou radicalmente. Importantes pensadores como Florestan Fernandes e Francisco de Oliveira estavam engajados em desmontar teoricamente a ideia de dualidade entre nacional e internacional, no que diz respeito à dominação e exploração burguesa no Brasil. Estavam interessados em estabelecer uma crítica radical à razão dualista de análise do contexto brasileiro que coloca em esferas separadas de atuação das burguesias nacional e internacional (OLIVEIRA, 2008).

Ambos concordavam que o sonho havia acabado e que a possibilidade de revolução burguesa no Brasil havia ficado em um passado longínquo. As duas décadas de Estado de exceção institucionalizado, fundadas pela contra-revolução burguesa (modernização conservadora) no país em 1964, respondiam simultaneamente às necessidades econômicas e políticas da burguesia internacional - pois a financeirização da economia havia aberto a economia nacional ao fluxo de capital internacional, via a aquisição de empréstimos e investimentos externos (OLIVEIRA, 2008); e pela desarticulação e contenção violenta do movimento de massa que emergiam nos anos



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

anteriores ao golpe -, e aos interesses anti-nacionais e anti-sociais da burguesia nacional. Ou seja, estava claro que na periferia do sistema capitalista o processo de dominação burguesa congrega os interesses de dois setores de uma mesma classe social (FERNANDES, 1972).

Nestes termos, mesmo tendo recuperado parte dos ideais que motivaram e impulsionaram as lutas sociais do período que precedeu o golpe civil-militar de 1964, como os ideais de autogestão, auto-organização e produção de conhecimento coletivo, o recuo das forças sociais (movimentos social e sindical), que se organizaram ao longo das décadas de 1970 e 1980, que mobilizaram seus esforços em torno do movimento pelas eleições diretas ou pela constituinte, bem como por mudanças imediatas não menos importantes, mostra-nos que as análises e os processos de luta ainda eram orientados pela mesma ideia ritual de “povo”, em seu sentido genérico, que agregava movimentos sociais e sindicais, de um modo geral, com figuras como Ulisses Guimarães, Tancredo Neves e José Sarney (latifundiário do Maranhão e eterno defensor da ditadura) em torno da construção de uma sociedade democrática sem alterar a estrutura social de classe.

Os 20 anos de ditadura civil-militar reduziram drasticamente nossa percepção sobre a realidade. Essa percepção reduzida do mundo ofuscou a nossa visão de que uma catástrofe sem trégua se instalara no país, e que a racionalidade irracional do padrão de desenvolvimento defendido a ferro e fogo pelo modelo ditatorial, teria continuidade com uma roupagem camuflada da livre concorrência e por um padrão de produtividade “*destruidora do livre desenvolvimento das necessidades e faculdades humanas; sua paz, mantida pela constante ameaça de guerra; seu crescimento, depende da repressão das possibilidades reais de minimizar a luta pela existência*” (MARCUSE, 1967, p.14), individual e coletiva.

Sendo assim, é como se nossa formação, marcada por essa sucessão de experiências traumáticas (perseguições, prisões, torturas e mortes), condicionasse-nos a reduzir gradualmente a nossa lista de necessidades<sup>13</sup>, os nossos parâmetros de liberdade e felicidade e a duradoura exposição ao “estado de exceção” institucionalizado nos

13

Eis as palavras de um poeta visionário: “*Conheço muitos que andam por aí com uma lista do que necessitam. Aquele a quem a lista é apresentada, diz: é muito. Mas aquele que a escreveu diz: isso é o mínimo. Mas há quem orgulhosamente mostra a sua breve lista*”. (Bertolt Brecht. Lista do Necessário).



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

levasse a tratá-lo como regra geral, como algo imutável em qualquer forma de organização social, e não uma exclusividade da forma mercantil, como falara Walter Benjamin (1994). Impedindo-nos de transcender, de ultrapassar os níveis e limites do discurso – liberal, por exemplo -, sobretudo, no que se refere às possibilidades reais de alternativas históricas que se apresentavam diante de nós na fase terminal do regime ditatorial, marcada, como vimos anteriormente, por um intenso processo de mobilização política dos setores populares de nossa sociedade.

Portanto, rememorar o passado, de acordo com Walter Benjamin (1994), não é somente trazer à memória a imagem sublime de um tempo marcado pela glória, pelas vitórias, mas também, e principalmente, pelas derrotas, pelos traumas e avaliá-los coerentemente, reescrevendo a história a luz dos acontecimentos e não como gostaríamos que ela fosse, evidenciando os fatos sem ocultar nem mesmo aqueles que se julga como insignificante. É dolorosamente ter que nomear cada uma das lapides, exumando e identificando os corpos, um a um, mesmo que estes corpos estejam enterrados em covas coletivas. É perceber que a sucessão de derrotas, de traumas, de acontecimentos aparentemente esparsos e desconexos entre si, representam uma única catástrofe e que as ruínas deixadas pelo caminho crescem até o céu (BENJAMIN, 1994). É analisar a história dialeticamente para que não sejamos surpreendidos pelo seu movimento.

### Referências Bibliográficas:

ARANTES, Paulo Eduardo. **Zero à esquerda**. São Paulo: Conrad Editores do Brasil, 2004.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas).

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e Democracia**. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CAMPOS, Marília. Caminhos onde Reencontrei Paulo Freire. In: RIZO, Gabriela; RAMOS, Lílian (Org.) **Um encontro com Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Arco-Iris/EDUR, 2008.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

CEDAC<sup>14</sup>. **As Lutas Operárias, Autônomas e Autogestionárias**. Rio de Janeiro: CEDAC, 1986.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Debata continua**: Opinião sobre a aliança das esquerdas. In: PCB. Socialismo e Democracia. São Paulo: Alfa-Omega, julho/setembro; nº 11; ano III, 1986.

\_\_\_\_\_. **Contra a Corrente**; ensaios sobre democracia e socialismo. São Paulo: Cortez, 2000.

DREIFUSS, René. **O Jogo da Direita**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

FERNANDES, Florestan. **O Desafio Educacional**. SP: Cortez: Autores Associados, 1989.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

\_\_\_\_\_. **Que Tipo de República**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FIORI, José Luís. **O Vôo da Coruja**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança - Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido - 14º Ed.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard brasileira das obras psicológicas, 1974. Versão digitalizada disponível em: [www.opopssa.info/livros/freud\\_o\\_mal\\_estar\\_na\\_civilizacao.pdf](http://www.opopssa.info/livros/freud_o_mal_estar_na_civilizacao.pdf)

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

LOPES, Paulo R.C. Notas sobre Educação Popular In: CEPIS. **Reflexões Sobre Educação Popular**. São Paulo: CEPIS, 1996.

MARCUSE, Herbert. **Contra-Revolução e Revolta**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

\_\_\_\_\_. **O fim da utopia**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

\_\_\_\_\_. **A ideologia da sociedade industrial**. Tradução Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

<sup>14</sup> Centro de Ação Comunitária.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

MARX, Karl. **O 18 Brumário**. Tradução Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

MEDEIROS, Lonilde Servolo de. (Org.) **Bráulio Rodrigues da Silva: Memórias da Luta pela Terra na Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro: EDUR, 2008

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)**. São Paulo: Ática, 2002.

OLIVEIRA, Francisco. **Crítica à razão dualista; O ornitorrinco**. São Paulo: Editora Boitempo, 2008.

PALUDO, Conceição. **Educação Popular em Busca de Alternativas: uma leitura desde o Campo Democrático e Popular**. Porto Alegre: Tomo Editorial/ Camp, 2001.

PETRAS, James. América Latina: a esquerda, passado e futuro. In: BARSOTTI, Paulo e PERICÁS, Luiz Bernardo(Orgs). **América Latina: histórias, idéias e revoluções**. 2ª edição. São Paulo: Xamã, 1998; p.: 230.

SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entram em Cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

SADER, Emir. **O Anjo Torto: esquerda (e direita) no Brasil**. São Paulo; Brasiliense, 1995.

SANTOS, Leandro M. dos; LOBO, Roberta. **Os Sujeitos da Educação Popular no Brasil Contemporâneo: experiência histórica e reatualização da promessa**. Trabalho apresentado no IX Congresso Iberoamericano de História da Educação Latino-Americana. Rio de Janeiro: 16 a 19 de novembro de 2009.

SILVA, Percival Tavares. **Origem e Trajetória do Movimento de Amigos de Bairro em Nova Iguaçu (1974-1992): relação vanguarda-base-massa: uma práxis política e educativa**. Rio de Janeiro: FGV, 2008. ( dissertação de mestrado).

SILVA, Luís Inácio da Silva; NETO, José Genuíno; LEAL, Leovegildo Pereira. **Opiniões sobre o Socialismo: o debate continua**. In: PCB. Socialismo e Democracia. São Paulo: Alfa-Omega, julho/setembro; nº 11; ano III, 1986.

SILVEIRA, Artur Messias. **Autogestão Gota a Gota: trabalho dos grupos de produção comunitária**. Rio de Janeiro: CEDAC, 1989.

SCHWARZ, Roberto. **Cultura e Política**. SP: Paz e Terra, 2005.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

TOCQUEVILLE, Aléxis. **A Democracia na América.** Tradução Neil Ribeiro da Silva. 2<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1987. (Biblioteca de Cultura Humanista, nº 4).